



## **Processos de planejamento e ensino de atividades complementares ao trabalho do professor: possibilidades no ensino remoto e desafios encontrados**

Amanda Letícia Vieira (amanda.uffs@gmail.com)  
Tainá Aparecida Schleicher (taina\_schleicher@hotmail.com)  
Greici Moratelli Sampaio (sampaiogreici@gmail.com)

**Eixo temático 1.** Experiências e Práticas Pedagógicas.

### **1. INTRODUÇÃO**

Esse relato de experiência tem como objetivo apresentar como foi o processo de planejamento de um projeto para complementar o trabalho de uma professora de língua portuguesa da Educação Básica. Nesse sentido, de maneira breve, abarcamos as experiências vivenciadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) até o momento, em formato remoto. Os impasses que encontramos, nesse formato, durante esse processo de elaboração de atividades, buscando reinventar-se a fim de trazer propostas lúdicas aos estudantes, para que seja possível que esses sintam-se à vontade de estar ali, participando daquela aula.

Para isso, planejamos um pequeno projeto para complementar as aulas da professora de língua portuguesa. Em uma tentativa de aproximar a atenção dos alunos, pensamos em um projeto denominado: *Procure uma lenda, encontre sua história: Resgate de lendas regionais contadas por moradores locais*, a fim de os alunos pensarem sobre o local onde vivem, nesse caso, pensarem na cidade de Chapecó, ou mais especificamente no bairro onde eles residem, a fim de recuperar antigas lendas contadas por moradores. Por isso, trouxemos para dentro de sala uma contação de história sobre a lenda do *antigo chalé*, que fica situado no bairro Efapi, mesmo bairro em que se localiza a escola dos estudantes, E.B.M Jardim do Lago.

As turmas que participaram do projeto foram a Turma A e a Turma B, ambas do 8º ano do ensino fundamental, com a proposta de uma atividade de escrita de uma lenda regional, a partir da entrevista com conhecidos e familiares, na tentativa de resgatar antigas memórias e antigas crenças que haviam no local, fazendo-se parte da identidade cultural do lugar. No decorrer desse relato, apresentaremos mais detalhadamente de que maneira realizamos o nosso planejamento, cada etapa dele, as ferramentas utilizadas, os desafios que encontramos, os objetivos e as expectativas. Inicialmente vamos descrever como ocorreu a elaboração do projeto sobre as lendas, desde a definição do tema até a descrição do método avaliativo, em seguida partimos para a análise desse delineamento, a fim de elucidar mais sobre a metodologia do ato de planejar.

## 2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

O fazer docente pressupõe ações que devem ser desenvolvidas muito antes de adentrar a sala de aula para que a aprendizagem e o desenvolvimento do educando sejam significativo e efetivo, o que torna o ato de planejar essencial para o professor, ou seja, o planejamento “é o ponto de partida e de chegada de todo e qualquer trabalho referente à educação” (PROENÇA, 2018). Nesse sentido, o planejamento norteia as práticas pedagógicas efetivadas em sala de aula, promovendo o desenvolvimento da aprendizagem do educando. As discussões acerca do planejamento e de sua importância para a prática docente foram contempladas ao longo do primeiro semestre de 2021 no subprojeto de Língua Portuguesa do PIBID da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó.

Para que possamos pensar sobre o ato de planejar, a supervisora do PIBID apresentou uma proposta para nós elaborarmos oficinas, durante nossos encontros semanais, via reunião síncrona por meio de chamadas de vídeo pela plataforma *Google Meet*. As oficinas complementaríamos as atividades que estavam sendo desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa com os alunos do 8º ano do ensino fundamental e tinham como ponto de partida a participação da turma na 7ª edição do concurso Olimpíadas da Língua Portuguesa adotado pela rede municipal de Chapecó. A proposta do concurso é a produção textual com o tema “O lugar onde vivo”. Para o 8º ano do ensino fundamental, o gênero a ser desenvolvido é a crônica e as atividades da oficina teriam como objetivo desenvolver nos alunos o reconhecimento daquilo que é parte cultural da região, da cidade, do bairro, e que despertem sentimentos de pertencimento, pois, é ali que eles moram com seus familiares ou responsáveis, dessa forma, contribuindo para a produção textual das crônicas.

Definido o objetivo geral a ser alcançado com a oficina, antes de iniciarmos os planejamentos das atividades, analisamos alguns complicadores que o quadro atual, em decorrência da pandemia de COVID-19, impõe. Além disso, era preciso adequar toda a proposta aos documentos oficiais que norteiam a educação, entre eles, o currículo municipal e o Projeto Político Pedagógico (PPP) escolar. Em primeiro lugar, as oficinas deveriam ser planejadas para serem ministradas remotamente com momentos síncronos e assíncronos, pois não podemos ir até o espaço físico escolar devido à pandemia. Em segundo lugar, o público alvo eram alunos do 8º ano do ensino fundamental divididos em grupos A e B (frequentavam durante uma semana a aula presencial e na semana seguinte realizavam atividades em casa), além de outro grupo que estava desenvolvendo as atividades no formato 100% remoto. Por último, o desenvolvimento do nosso planejamento também aconteceria no formato remoto, via plataformas de comunicação online, o que demandou ajustar as agendas dos pibidianos para que pudessem discutir e debater as propostas de atividades para a oficina.

Nos encontros do grupo de pibidianos para desenvolver a oficina, aos poucos fomos lembrando da nossa jornada como estudantes, e como seria uma aula que naquela época gostaríamos de ter. Depois de várias ideias de assuntos, surgiu a de trabalhar lendas, já que essas despertam maior curiosidade nos alunos e fazem parte de nossa cultura. Ao refletirmos sobre o tema - o lugar onde vivo - encontramos no

gênero textual lenda uma opção possível para o educando desenvolver uma melhor percepção sobre a região, o bairro, a rua onde mora. O próximo passo era encontrar uma lenda sobre o bairro. Pensando no tema “lugar onde vivo”, lembramos de um lugar curioso da cidade de Chapecó, mais especificamente no bairro Efapi, um chalé abandonado que marca o local e gera muitas histórias peculiares. Conhecido por uma integrante do grupo que mora nas redondezas. O *antigo chalé* do bairro Efapi fica localizado em uma das principais ruas de entrada do loteamento Jardim do Lago, lugar em que se localiza a escola dos alunos E.B.M Jardim do Lago.

Proposta a ideia ao grupo para o planejamento da aula, fomos atrás das histórias que contavam sobre o antigo chalé, buscando lembranças e conversando com familiares. Com base nisso, produzimos uma pequena lenda denominada *O velho chalé*, que comporia a atividade principal da oficina, a contação de histórias (lendas) para a turma. Porém, qual seria o objetivo dessa aula com esse tema? A escolha de trabalhar lendas sobre o lugar em que os estudantes vivem proporciona uma melhor relação entre os conhecimentos escolares e as experiências do educando com a cultura local. Além disso, o resgate de lendas e histórias de assombros contadas oralmente por familiares dos alunos demonstra a importância do trabalho com textos orais da tradição popular, conforme destacado por Santos:

O projeto literário (e pedagógico, a exemplo do acervo de Francisco Adolfo Coelho) dos escritores da segunda metade do século XIX apoiou-se na coleta da literatura oral de tradição popular, na defesa do elemento nacional, na renúncia aos modelos culturais estrangeiros, no retorno ao rusticismo e na vernaculidade. (SANTOS, 2015, p.70)

Nosso objetivo geral envolvia esse resgate. Em seguida pensamos em uma atividade para propor aos alunos que fosse interessante e tivesse um ar de desafio. Pensamos em uma produção textual, mas qual seria a melhor abordagem? A proposta de escrita de uma lenda inédita parecia ser fatigante. Decidimos optar pela primeira ideia, de escrever uma lenda, mas que tivesse esse desafio de revisitar lembranças e conversar com conhecidos ou familiares, em uma investida de resgatar alguma lenda que ainda é contada, como por exemplo as lendas sobre a quaresma, contadas mais nas regiões do interior, até mesmos as lendas urbanas como a *Maria Sangrenta*, muitas vezes contada entre alunos nas escolas, as quais fazem parte da infância e adolescência desses estudantes. Decidida a atividade e a forma de abordá-la, tinha um ponto que ainda precisava ser debatido, pois percebemos que o assunto parecia estar vago, então optamos por desenvolver melhor aquela primeira escrita da lenda sobre *o velho chalé*, e utilizá-la como uma pequena sugestão, contando-a aos alunos, e supostamente a aula ficaria mais dinâmica.

Assim que o tema já estava bem decidido e a atividade que seria proposta também, pensamos em como começar a abordar o assunto para que os alunos conseguissem, ao final, escrever uma lenda. Inicialmente necessitamos conhecer um pouco mais sobre a turma, no modo online a participação é pouca, mas esse pouco faz toda diferença, percebemos através das aulas online que estávamos acompanhando, que de uma turma para outra há bastante diferença, uma delas é mais agitada e conseqüentemente há mais alunos que participam da aula, na outra, um aluno se destaca, pois é um dos únicos que abre o microfone para comunicar suas dúvidas e opiniões sobre os assuntos debatidos. Seria custoso ter uma aula participativa, aliás de ter participação na parte conteudista da aula, momento qual é abordado o que constitui uma lenda e suas características.

Contudo temos que deixar explícito o que é, e quais são as características de lenda, então, de que forma seria abordado? Em um primeiro momento, para que essa parte não fique massante, somente falar sem ouvir os alunos parecia ou de fato seria desmotivador, apesar da parte de conteúdo ser importante para que as próximas etapas tenham um bom desempenho, é essa parte de explicação que demanda mais trabalho, pois conseqüentemente é mais exaustiva, tanto para os professores quanto para os alunos. Buscamos formas de apresentar o conceito lançando perguntas instigadoras como: *Vocês conhecem alguma lenda? Tem alguma que vocês ouviam na infância e que nunca esqueceram? Qual a que vocês mais gostam ou sentem medo?* indagando maior interação, dessa forma fazendo-os refletir sobre histórias que ouviam em casa ou quando iam visitar alguém conhecido, como por exemplo, algum parente que mora nas linhas ou comunidades do interior. Esse momento seria de conversa com os alunos, deixando-os livres para expor seus pensamentos. Em seguida decidimos fazer a contação da lenda *O velho chalé*, para que assim eles possam fazer ligações com aquilo que estavam ouvindo e dialogando sobre lendas. Com a contação eles vão ter um exemplo de escrita sobre a região onde eles residem, é uma maneira de visualizar a estrutura dessas. É importante sempre deixar livre o espaço de fala e de exposição dos sentimentos dos estudantes, para que a aula seja produtiva.

Após os alunos ouvirem a lenda do velho chalé, novamente criaremos um ambiente de conversa, perguntando se os educandos conhecem o lugar, para facilitar deixaremos o endereço do local através do google maps no bate-papo, e vamos orientá-los que através desse aplicativo é possível visitar lugares sem sair de casa. Para dar sequência, foi proposto que cada aluno trouxesse uma lenda, seja do lugar que eles moram agora, ou de onde tenham sentimentos de pertencimento. Para haver maior envoltura entre a comunidade e a escola, sugerimos que fosse feita uma conversa em casa ou com vizinhos mais próximos, para resgatar algumas lendas que eram contadas antigamente, para facilitar essa escrita enviamos um pequeno roteiro de dicas e com perguntas a serem respondidas, através desta entrevista dos conhecidos, para que os alunos possam orientar-se, também foi disponibilizado uma lista de vídeos em forma de bingo, para a aula ficar mais dinâmica, em que eles foram marcando cada vídeo assistido até dar bingo na cartela, escolhemos utilizar vídeos da plataforma YouTube, que é de fácil acesso, como sugestão para ajudar na criatividade da escrita.

Finalizadas as atividades e sequências das aulas da oficina, precisávamos planejar a avaliação, como seria a forma mais justa de avaliar, e quais pontos serão avaliados. A avaliação das produções seguirá critérios pré-estabelecidos e apresentados para os estudantes na proposta da atividade, um deles será a criatividade e os detalhes inseridos pelo aluno no texto, esse será o ponto central. São os detalhes dessa pequena escrita que vão realçar a história contada na produção dos estudantes. Quando o aluno fica livre para escrever podemos notar partes de sua personalidade e visão de mundo através do que ele coloca no papel, como podemos ler na seguinte passagem:

Isto se aceitarmos a hipótese de que o compromisso político da aula de língua portuguesa é oportunizar o domínio também desta variedade padrão, como uma das formas de acesso a bens que, sendo de todos, são de uso de alguns. Para percorrer este caminho, no entanto, não é necessário anular o sujeito. Ao contrário, é abrindo-lhe o espaço fechado da escola para que nele ele possa dizer a sua palavra, o seu mundo, que mais facilmente se poderá percorrer o caminho, não pela destruição de sua linguagem, para que surja a linguagem da escola, mas pelo respeito a esta linguagem, a seu falante e ao

seu mundo, conscientes de que também aqui, na linguagem, se revelam as diferentes classes sociais. (GERALDI, 1984, p.130)

É a partir da criatividade que avaliamos na parte escrita, onde estará inserido os pensamentos dos alunos, ali poderemos conhecer um pouco mais do que aquele ser, que faz parte do nosso cotidiano, pensa e deduz sobre o mundo. Para facilitar a avaliação, da parte escrita, ocorrerá por meio do whatsapp um atendimento para receber os textos e fazer orientações para uma reescrita, já que a professora tem percebido uma grande dificuldade na escrita dos alunos. Ao final vamos sugerir uma socialização das produções, para todos conhecerem novas lendas. É sempre válido ressaltar que em todos os momentos os alunos poderão fazer observações e ter seu momento de fala garantido.

1



### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Ao analisarmos os passos do desenvolvimento das atividades, desde a proposta do tema até a conclusão do modo avaliativo, percebemos que há uma intencionalidade, um objetivo a ser alcançado através do desenvolvimento de atividades selecionadas e organizadas. Após a reflexão do grupo visualizando, a realidade dos estudantes e os meios disponíveis para o desenvolvimento da oficina, revelando o planejamento, que de acordo com Haydt (2006, p.98) consiste em “analisar uma dada realidade refletindo sobre as condições existentes e prever as formas alternativas de ação para superar as dificuldades ou alcançar os objetivos desejados”, assim, antecipamos possíveis situações problemas, ajustamos o passo a passo para que a didática fosse clara e objetiva potencializando a aprendizagem dos educandos sobre o assunto da aula, nesse caso as lendas regionais.

Todo esse processo de sistematização foi realizado por meio do planejamento docente, necessário para fundamentar nossa prática, e na escolha de conteúdos embasados nos documentos norteadores para potencializar o processo de ensino-aprendizagem dos educandos, ou seja, o planejamento é aquilo que vai nortear nossas aulas, como diz Farias:

Compreende o planejamento como instrumento de organização da lida docente apresenta-se como passo necessário para ressignificar esse fazer junto ao coletivo dos professores. É nessa direção que caminhamos ao tratar do ato de planejar numa perspectiva pedagógica transformadora. (FARIAS et al. 2011, p.111)

Esse planejamento deve ser constante, pois, cada turma exige uma programação diferente, nenhuma delas será igual a que você teve anteriormente. Uma das ferramentas de grande ajuda no trabalho docente é o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, em que estão inseridas informações sobre a

instituição e sua comunidade escolar, mesmo que esse projeto não esteja atualizado, são informações que auxiliam a entender o contexto no qual está inserida a instituição.

Para início do planejamento devemos definir o tema e em seguida o que estamos querendo atingir com este, ou seja o objetivo geral, é partir dele que surgirão as outras partes desse planejar, ele não precisa ser detalhado nem mesmo algo difícil de ser alcançado, é justamente ao contrário, é para ser simples e auxiliar a delimitação daquilo que pretende-se desempenhar, é necessário ver se as etapas e atividades que planeja-se realizar ajudarão a chegar nesse objetivo, em outras palavras, “O processo de planejamento exige, portanto a descrição dos objetivos e, após essa descrição, a estruturação das etapas seguintes que devem estar em consonância direta com os objetivos definidos.” (MENEGOLLA, 1984, p.75).

Há questões que podem ajudar a delimitar o objetivo geral, em nosso grupo, por exemplo, perguntamos porquê trabalhar com lendas regionais? Essa pergunta nos auxiliou para chegarmos a definição desse ponto, pois, era exatamente isso que precisávamos, chegamos ao ponto da resposta de que trabalhar lendas era valioso para o incentivo da construção cultural do bairro que os alunos residem, tencionando que essas histórias contadas oralmente não se percam com o tempo, logo nosso objetivo geral era o resgate dessas lendas que ainda são contadas na tradição oral.

O objetivo geral deve ser preciso para que o professor possa entender o que se deseja alcançar com o projeto. Os objetivos específicos devem ser práticos, para que dessa forma atinja-se o objetivo geral dentro das atividades planejadas para a execução do projeto, como por exemplo, o que você quer atingir com a avaliação que você pensou para os estudantes. Não devem ser numerosos nem impossíveis de serem exercidos, a questão é justamente eles serem possíveis de serem realizados com a turma, pois “O objetivo é algo que se quer alcançar através de um agir possível, concreto e viável. Tudo o que pode ser feito, trabalhado, agilizado e operacionalizado demonstra ser um bom objetivo. O que é inviável, inexecutável e impraticável não é um bom objetivo.” (MENEGOLLA, 1984, p. 78), pense em cada um dos objetivos visando o contexto da sua turma, por exemplo, se dentro da sala existem alunos com dificuldades na escrita, é necessário que algum dos objetivos específicos seja a melhora desta, assim como o planejamento de uma atividade que colabore para esse avanço.

A parte do planejamento em que demandou mais concepções foi a da avaliação, não especificamente na atividade avaliativa, mas nos critérios a serem levantados para, ao final, avaliar as produções dos alunos. Nesse momento nos deparamos com empasses, posto que queremos ser justos na forma de estimar o que o estudante produziu, já que podemos nos deparar com um trabalho que pode não estar dentro da norma padrão de escrita da língua, mas que entendeu o sentido da atividade, ou seja “A avaliação, portanto, precisa ser abrangente, tomar o indivíduo como um todo. Seus critérios devem privilegiar não só a habilidade de reter conhecimento, mas de processá-lo, construí-lo, utilizá-lo em situações reais de vida.” Farias et al. (2011, p.127). Pensando nisso, elencamos um critério que seria a criatividade, ou seja aquilo que o aluno irá inserir em sua tarefa de maneira aberta, desse modo os educandos irão incorporar percepções dos seus cotidianos e dos seus sentimentos, ficando uma escrita de caráter mais agradável.

Levando em conta que essa seria nossa primeira experiência docente pelo programa do PIBID, esse ato de planejar mostra-se árduo já que no formato online, encontramos diversos desafios e o principal deles é o distanciamento que o ensino remoto trás, e todas as condições adversas que devem ser levadas em conta. Para começar, percebemos através das observações das aulas um problema que afeta alunos e professores, a dificuldade de conexão (problemas com a internet e com o

equipamento que é utilizado) as condições em que os alunos se encontram para assistir a aula, as condições psicológicas devido a pandemia e a desmotivação dos alunos diante do ensino remoto. Considerando essas adversidades, embora tenham muitas outras, foi preciso usar “jogo de cintura” para a realização do planejamento das atividades, para que se tornem mais produtivas.

Planejar com os colegas de forma remota, para uma aula a distância foi desafiador, pois nada pode ser comparado com a troca de ideia que surge em um bate papo olho no olho, expondo o que cada um sabe, sem o distanciamento de uma tela, com hora programada para iniciar e terminar, com interferências na fala, dificuldades de entender muitas vezes o que o outro quer expor. A aula precisa ser pensada para que da melhor forma seja a interação e entendimento dos alunos, e percebemos através das observações das aulas online, como é difícil essa interação. Tudo o que vemos é uma tela com uma foto, sem rosto, raramente com microfone e com muito esforço uma comunicação via chat. Qual será a sensação de dar aula para uma tela, falando sozinha a maior parte do tempo, e como saber se eles estão entendendo sem poder ver a reação que os olhares e as caretas entregam? Nesse quesito, as observações das aulas foram muito importantes e contribuíram muito para que pensássemos o nosso projeto.

Outro problema perceptível nas observações das aulas, e nos planejamentos com a professora, é o desinteresse dos alunos e a falta de comprometimento com a devolutiva das atividades e trabalhos, sendo notável que os alunos não estão estudando em casa, mesmo estando em estudo remoto ou híbrido. A mudança de hábitos dos alunos durante a pandemia, sem a rotina de ir pra escola, com uso abusivo das redes sociais, sem hora certa para dormir e acordar, possivelmente estão gerando dificuldades nas atividades escolares. E diante disso vemos algo bem preocupante, que tem gerado questionamentos para a professora da turma, levando-a pensar de que maneira pode-se quebrar esse distanciamento e esses problemas iniciais gerados por esse cenário. Partindo disso surgiu a ideia da criação de um grupo no aplicativo Whatsapp, esse grupo seria para envio das atividades e dúvidas dos alunos facilitando o trabalho de nós pibidianos e da professora que poderia acompanhar o que estava sendo postado pelos estudantes, também será possível efetuar orientações de forma privada pelo aplicativo de mensagens, na hipótese de que algum educando venha a sentir-se constrangido em encaminhar suas dificuldades no lugar em que todos possam ver.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisando o processo de planejamento é possível afirmar que desde o início da sua construção até os últimos ajustes foi possível aprender consideráveis coisas, também é notável o amadurecimento que esse planejar nos proporcionou, sobretudo em nossa percepção sobre a lida docente. Nosso projeto buscou contemplar as necessidades dos estudantes, de modo a complementar as aulas da professora da turma, em contrapartida, podemos dizer que esse momento pandêmico tornou-se desafiador, pois encontramos inúmeras dificuldades, entre elas a distância que dificulta a interação entre aluno e professor. Vamos esperar-se de que os objetivos que traçamos sejam atingidos, assim como a aula que planejamos tenha uma opinião positiva entre os alunos.

No planejamento tentamos abordar um conteúdo que fosse mais dinâmico, através desse assunto atrair a atenção dos alunos para seu contexto regional com o tema *o lugar onde vivo*, com a proposta de resgate de lendas regionais, na tentativa de contribuir com o trabalho da professora nas escritas das crônicas, atividade final da 7ª olimpíada de língua portuguesa, posto que o trabalho com lendas propicia aos

estudantes maior reconhecimento daquilo que é parte cultural da região, e consequentemente despertem os seus sentimentos de pertencimento daquela localidade, pois é nela que eles moram com seus familiares.

## 5. REFERÊNCIAS:

FARIAS, Isabel Maria Sabino de *et al.* O planejamento e a prática Docente. In: FARIAS, Isabel Maria Sabino de *et al.* **Didática e docência**. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011. Cap. 4. p. 107-135. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4709190/mod\\_resource/content/2/O%20planejamento%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20docente.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4709190/mod_resource/content/2/O%20planejamento%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20docente.pdf)> Acesso em: 28, ago de 2021.

GERALDI, João Wanderley. **Escrita, uso da escrita e avaliação**. In (org.). O texto na sala de aula. 2.ed. Cascavel: PRASSOESTE, 1984 c. p. 126-131. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5389050/mod\\_resource/content/1/GERALDI%2C%20Jo%C3%A3o%20Wanderley.%20Escrita%2C%20uso%20da%20escrita%20e%20avalia%C3%A7%C3%A3o.%20In%20\\_\\_\\_\\_\\_ %20%28Org.%29.%20O%20texto%20na%20sala%20de%20aula.%202.%20ed.%20Cascavel%2C%20PR%20Assoest e%2C%201984c.%20p.%20121-125..pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5389050/mod_resource/content/1/GERALDI%2C%20Jo%C3%A3o%20Wanderley.%20Escrita%2C%20uso%20da%20escrita%20e%20avalia%C3%A7%C3%A3o.%20In%20_____ %20%28Org.%29.%20O%20texto%20na%20sala%20de%20aula.%202.%20ed.%20Cascavel%2C%20PR%20Assoest e%2C%201984c.%20p.%20121-125..pdf)> Acesso em: 28, ago 2021.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2006.

MARQUES, Maria do Socorro Lima. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3. ed. Brasília: Liber Livros, 2011. Cap. 4. p. 107-135. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4709190/mod\\_resource/content/2/O%20planejamento%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20docente.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4709190/mod_resource/content/2/O%20planejamento%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20docente.pdf)> Acesso em: 28, ago 2021

SANTOS, Luciane Alves *et al.* A inserção dos contos populares na literatura infantil: uma perspectiva histórica. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, p. 58-83, Jan, 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/14327>> acesso em: 28, ago 2021